

Comentário a “Matemático e Filósofos” de Vieira de Almeida

Olga Pombo, FCUL/SAHFC, CFCUL

Do primeiro texto deste triálogo já se ocupou – e muito bem – o Prof. Franco Oliveira. Cabe-me agora tecer algumas considerações sobre o segundo texto. No entanto, parece-me inevitável começar por assinalar algumas proximidades e diferenças entre ambos. Até porque o segundo é um comentário do primeiro. E, como tal, o entendimento do segundo só pode dar-se no confronto com o primeiro que nele é comentado.

Assim, gostaria de assinalar os seguintes pontos. Tanto o primeiro texto, da autoria de J. Sebastião e Silva, como o segundo, assinado por Vieira de Almeida, se referem às relações entre a ciência e a filosofia. Se o primeiro texto é escrito por um homem de ciência – Sebastião e Silva era, à época, assistente do Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências de Lisboa – o segundo é da autoria de um Professor de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa. Para além desta diferença relativa à formação base dos seus autores e cujos efeitos teóricos tentaremos em seguida descortinar, os dois textos têm à partida uma outra diferença porventura também significativa. Refiro-me à curiosa inversão dos títulos. O texto de Sebastião e Silva tem por título “Filósofos e Matemáticos”. O texto de Vieira de Almeida opera uma inversão significativa: “Matemáticos e filósofos”. O matemático dá a prioridade aos filósofos e o filósofo ao matemáticos.

Averiguemos agora se as diferenças apontadas, relativas à formação de cada um dos autores e aos títulos por si escolhidos são meramente acidentais ou, pelo contrário, têm consequências importantes no tratamento do tema que ocupa os dois autores.

Vieira de Almeida começa por declinar o seu respeito pelo autor do texto que se propõe comentar. Mas, logo de seguida, assinala a sua oposição frontal à tese que Sebastião e Silva parece defender. Como escreve: “O que verdadeiramente avulta na história do pensamento não parece que seja divórcio e incompreensão mútua de matemáticos e filósofos, cortada episodicamente por exceções como Descartes e Leibniz”.

Contra a tese, aparentemente defendida por Sebastião e Silva, de que há um fundamental “desentendimento entre matemáticos e filósofos”, que só episodicamente “a matemática e a filosofia se têm dado as mãos amigavelmente”, que, as mais das vezes, não assistimos senão a “dissídios”, e “divérbios” mais ou menos graves, de que o autor se não cansa de dar exemplos, Vieira de Almeida não hesita em desferir, em seta acutilante, a sua total oposição. Como escreve “O absurdo da tese mostra a insubsistência da hipótese”.

A estratégia argumentativa que vai utilizar é curiosa. Vieira de Almeida vai pegar nos próprios exemplos escolhidos por Sebastião e Silva para mostrar que eles dizem o contrário do que o matemático neles via. No exemplo de Lebesgue, Vieira de Almeida mostra de que modo quem se salva é a figura portentosa de Zenão e não os pretendentes a cientistas que Lebesgue procurava valorizar mas que, como Vieira de Almeida mostra com fina ironia, não passavam de “criançolas, talvez pedantes” incapazes de compreender sequer o sentido das palavras do velho filósofo de Eleia. Relativamente ao exemplo de Benedetto Croce, Vieira de Almeida reconhece as razões de Sebastião e Silva mas chama a atenção para um elemento decisivo e que destrói o argumento à partida: é que Croce não é um filósofo mas “homem de formação principalmente literária” que se atreveu a meter-se a “deslindar questões que ultrapassavam o seu domínio.” Quanto ao argumento do general, armado a filósofo, o caso é ainda mais fácil de desmontar. É que, como escreve, “esse general era simplesmente tolo; e se dos fracos não reza a história, dos tolos não sai argumento que preste.” Vieira de Almeida não resiste a divertir-se com o caso mostrando como esse “general com mentalidade de cabo de esquadra” não era capaz de ver que o erro de que acusava os matemáticos não era senão resultante da sua própria cegueira e ignorância. Nada disso tem a ver com a filosofia. O desiludido general, às voltas com o que pensava ser uma inconsistência da matemática que só a sua filosofia caseira poderia salvar, “não caiu no – poço – da filosofia, mas na suja lama da estupidez”.

O furor contra argumentativo de Vieira de Almeida só se esbate no caso, duro de roer, de Hegel, filósofo que Sebastião e Silva classificava no seu texto como “metafísico nebuloso”, exemplo claríssimo de um filósofo com “pouca simpatia pela matemática”¹. Ora, aqui, Vieira de Almeida não pode

¹ Claro está que as coisas não são assim tão fáceis. A posição de Hegel tem que ser entendida no quadro da sua complexa teoria do signo. Para um estudo sobre a oposição que o sistema de Hegel coloca ao projecto leibniziano de construção de uma linguagem filosófica e, em geral, às características próprias

senão concordar². Vieira de Almeida vai até mais longe desferindo um ataque cerrado contra a “pseudoposição” hegeliana segundo a qual se pode “superar a contrariedade.” De facto, a seu ver, a dialéctica é um ‘truque’ que a lógica facilmente é capaz de deslindar e denunciar. No entanto, em vez de claudicar face ao irrefutável exemplo de Hegel, em vez de ajoelhar face ao exemplo certeiro e terrível que Sebastião e Silva havia sabido aduzir de um grande nome da filosofia, como é Hegel, capaz de um “ódio” irracional à matemática”, Vieira de Almeida argumenta *ab contrario*, recorrendo ao exemplo inverso de Poincaré, um grande, um incontestado e incontestável grande homem de ciência que teria tido a veleidade de se manifestar abertamente contra a lógica simbólica³. Deste ‘deslize’ de Poincaré⁴ - também chamado à colação por Sebastião e Silva - retira Vieira de Almeida a lição que lhe interessa para combater o argumento de Sebastião e Silva, entrincheirado atrás do prestígio filosófico de Hegel. É que, também do lado dos cientistas, mesmo dos maiores, como é o caso de Poincaré, o mesmo pode acontecer. Como escreve: “até os maiores podem cair em proferir um veto, breve esquecido e desmentido.”

Desmontados os argumentos de Sebastião e Silva, demolidos os exemplos que o matemático chamou em seu favor, Viera de Almeida termina o seu texto com a reafirmação da tese por si logo de início apresentada: “não há conflito entre matemáticos e filósofos, a não ser que os primeiros sejam apenas técnicos de mentalidade estreita ou os segundos metafísicos de terceira ou quarta ordem, autocrismados de procuradores bastantes da realidade”.

da linguagem matemática, tanto pela sua abstracção, como pelo seu carácter formal, como pela sua univocidade, veja-se o nosso estudo, “Hegel e a Linguagem. Estudo em forma de Prefácio e Introdução,” in O. Pombo, *Palavra e Esplendor do Mundo*, Lisboa: Fim de Século, 2010, pp. 219-254.

² No fundo, tanto Sebastião e Silva como Vieira de Almeida pertencem à mesma linhagem filosófica, aquela que, na esteira de Descartes e Leibniz, toma a matemática como exemplo por excelência do conhecimento. Ambos são cultores da lógica moderna de Boole, Frege, Peano, Russell e Whitehead, lógica que, cada um à sua maneira, contribuiu para introduzir na Universidade portuguesa.

³ Em boa verdade, não há, em Poincaré, qualquer crítica á Logica clássica ou moderna. O que há é uma crítica ao formalismo de Hilbert enquanto linguagem que prescinde da abertura semântica ao mundo. Sobre este tema em Poincaré, vejam-se os seus textos intitulados “Les Mathematiques et la Logique”, agora traduzidos em português por Augusto J. Franco Oliveira, no volume antológico por si editado, *Henri Poincaré. Filosofia da Matemática. Breve Antologia de Filosofia da Matemática de Henri Poincaré*, Lisboa: CFCUL, 2010, col. Cadernos de Filosofia das Ciências, nº 10, pp. 73-162.

⁴ Deslize que Sebastião e Silva assinala mas que atribui, não a uma fragilidade do matemático Poincaré, mas à nefasta influência do filósofo Boutroux. O formalista estrito que é Sebastião e Silva não perde a oportunidade de assinalar que o pecado supremo do kantiano Boutroux consistiu, como diz, em preceder Bergson na estrada do intuicionismo.

Gostaria, a terminar este meu arrazoado, de chamar a atenção para um aspecto que me parece muito importante. Como muito bem vê Vieira de Almeida, o que está em causa não é o que dizem ou fazem os cientistas e os filósofos em nome da ciência e da filosofia. Menos ainda, por maioria de razão, se se trata de maus filósofos e de maus cientistas: “por haver quem erre as contas não há que lançar ironias à aritmética” e, correlativamente, “todos os Hegel e todos os Croce do mundo serão impotentes para impedir que para a filosofia, no sentido amplo, a ciência, criação do homem, e seja qual for a sua origem (o que é problema filosófico também) deva constituir uma variável que nunca poderá pôr-se de parte.”

O que está em causa, não é o que nós, individualmente, cada um com as suas pequenas fraquezas, absurdas vaidades, ingénugas certezas, podemos dizer de mais ou menos certo ou errado, de mais ou menos sábio ou insensato, de mais ou menos douto ou imponderado. O que está em causa não são os matemáticos e os filósofos, mas A Matemática e A Filosofia. Quer dizer – e nisso se enganam ambos os títulos dos textos dos nossos autores – não o que podem pensar ou dizer os “matemáticos e filósofos” ou os “filósofos e matemáticos”.

O que está em causa é a Matemática e a Filosofia enquanto criações sublimes daquilo que há de melhor em todos nós. Essas são actividades maiores, coletivas, comuns, universais. Lugares onde os indivíduos e as suas particularidades - como diria Hegel - não são senão epifenómenos de uma *ratio* profunda, pujante e poderosa.

Lisboa, 14 de Abril de 2012.

opombo@fc.ul.pt